



João Pedro Mendes Redondo

ANÁLISE DAS TRANSIÇÕES OFENSIVAS NA ÚLTIMA ETAPA DE FORMAÇÃO NO FUTEBOL

Estudo no escalão de Sub-19

Dissertação de Mestrado em Treino Desportivo para Crianças e Jovens, apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra

Abril 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**ANÁLISE DAS TRANSIÇÕES OFENSIVAS NA ÚLTIMA ETAPA DE
FORMAÇÃO NO FUTEBOL
Estudo no escalão de Sub-19**

João Pedro Mendes Redondo

Coimbra

2016

JOÃO PEDRO MENDES REDONDO

**ANÁLISE DAS TRANSIÇÕES OFENSIVAS NA ÚLTIMA ETAPA DE
FORMAÇÃO NO FUTEBOL
Estudo no escalão de Sub-19**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF.UC), com vista à obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo para Crianças e Jovens, na área científica de Ciências do Desporto e na especialidade de Treino Desportivo.

Orientadores:

Professor Doutor Vasco Vaz
(Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra – FCDEF.UC)

Professor Doutor Gonçalo Dias
(Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra – FCDEF.UC)

COIMBRA

2016

Redondo, J. P. M. (2016). Análise das Transições Ofensivas na Última Etapa de Formação no Futebol – Estudo no escalão de Sub-19. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

A idealização e elaboração do presente estudo não teria sido possível sem a colaboração, ajuda, motivação e companheirismo de várias pessoas que, por diferentes razões, foram fundamentais nesta caminhada. A elas, o meu sincero agradecimento:

Ao meu orientador Professor Doutor Vasco Vaz, por todo o empenho, dedicação e paciência, mesmo nos momentos em que, eu próprio parecia desligado desta missão. Também ao Professor Doutor Gonçalo Dias que sempre se mostrou empenhado em ajudar na realização deste projeto.

A todos os professores da FCDEF-UC por, cada um com os seus ensinamentos, terem contribuído para o meu crescimento enquanto estudante e profissional da área que tanto nos orgulhamos de representar.

A todos os meus colegas do mestrado e da licenciatura, pela partilha, camaradagem, incentivo, por me fazerem sentir em casa, junto da família, na faculdade rainha de Coimbra.

Aos meus atletas, colegas e direção do Clube Condeixa, por toda a colaboração na realização do estágio pedagógico e pelo crescimento enquanto treinador nos últimos 3 anos.

Aos meus amigos, com um abraço muito especial aos de sempre. À Rita, ao Edu, ao Miguel, ao David, ao Vasco, ao Pimenta, ao Freitas, e outros mais, porque a vida não é só isto e o sucesso só se alcança quando se é feliz fora daqui.

À Constança, porque mesmo sem saber até onde a levo comigo, sei que nos últimos meses não podia ter tido melhor amiga e companheira para me ajudar, incentivar e até ralhar, na conclusão deste objetivo.

À minha mãe, irmã, sobrinha e cunhado, por todo o apoio, empenho e incentivo, ao longo de toda a minha vida académica, mas acima de tudo a ti, pai, porque sei que aí em cima estarás orgulhoso do que alcanço diariamente.

RESUMO

Objetivos: Analisar as transições ofensivas na última etapa de formação no futebol, o escalão de Sub-19, identificando as características mais frequentes, que caracterizam o comportamento da equipa, nos momentos de transição ofensiva e que culminam em contra-ataque e ataque rápido. Verificar a existência de associações estatisticamente significativas entre algumas variáveis do momento de transição e as diferentes fases da competição. Identificar as interações entre os jogadores nas situações de ataque rápido e contra-ataque, que culminam em golo, analisando, através das *networks* o comportamento coletivo da equipa.

Metodologia: A amostra foi constituída por 133 ações de transição ofensiva, referentes a jogos da Seleção Nacional de Portugal Sub-19, finalista vencida no Campeonato da Europa Sub-19 2014, realizado na Hungria. Foram observados 3 jogos da fase de grupos, 1 das meias-finais e 1 da final.

Resultados: A partir da análise dos principais resultados verificou-se que a zona preferencial de recuperação da posse de bola foi a 3 E (12,0%). A interceção (36,8%) foi o tipo de recuperação da posse de bola preferencialmente utilizado. A maioria das situações de transição ofensiva foi desenvolvida através de ataque rápido (75,9%). A zona preferencial para execução do último passe foi a 5 E (12,0%). O passe curto/médio (60,2%) foi a forma mais comum de último passe utilizada. As zonas 6 CD (22,6%) e 6 CE (21,1%) foram as zonas onde mais vezes ocorreu o final de transição. O passe errado e o erro individual (22,6%) foram as formas mais comuns de final de transição. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis do momento de transição e a fase da competição. Por fim, o maior número de interações realizadas com sucesso foi efetuado pelo avançado, estabelecendo ligações fortes com o defesa direito, médio interior direito e extremo direito, assim como entre o médio defensivo central e o extremo esquerdo.

Discussão e conclusão: Os resultados estão, maioritariamente, de acordo com a literatura existente em escalões de elite no que diz respeito às características do momento de transição. Não existe qualquer influência das fases da competição nas características comportamentais e no comportamento coletivo da equipa analisada. Por fim, quanto à análise das interações na origem dos golos verifica-se que os jogadores que ocupam os corredores laterais (defesas e extremos direitos e esquerdos) e o avançado são os que mais influenciam e proporcionam as situações de golo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Jogo, Finalização, Treino de Jovens, *Networks*.

ABSTRACT

Purpose: To analyse offensive transitions in the last stage of football developing process, the U-19 stage, identifying the most frequent characteristics which feature the team's behaviour at the offensive transition moments that culminate in counter-attack and fast attack. To check the existence of significant statistical associations between some variables of the transition moments and the different phases of the competition. Finally, it is aimed to identify the interactions between players in both fast attack and counter-attack moments which end in goal, through Networks studying the collective team's behaviour.

Methodology: The sample was composed by 133 offensive transition actions, in Portugal U-19 National Team matches, defeated in the 2014 U-19 European Championship final, in Hungary. 3 group phase matches, 1 semi-final and 1 final match were observed.

Results: After analysing the main results, it is realised that the favourite area to recover ball possession was the 3 E (12,0%). Interception (36,8%) was the most used method to recover ball possession. The majority of offensive transition situations was developed through fast attack (75,9%). The 5 E (12,0%) area was the favourite one to do the final pass. The short/medium pass (60,2%) was the most final pass used. It was in the 6 CD (22,6%) and 6 CE (21,1%) that the end of transition took place. The most common ways of the end of transition were the wrong pass and the individual error (22,6%). There were no significant statistical differences between the variables of the transition moments and the different phases of the competition. Finally, the forward did the majority of successful interactions establishing strong connections with the right defender, the right centre midfielder and the right winger, as well as between the defensive centre midfielder and the left winger.

Discussion and Conclusion: Our results are mostly in agreement with the literature about elite football in what transition moments features are concerned. Competition phases neither influence behaviour characteristics nor collective team's behaviour of the studied team. Furthermore, analysing the interactions that resulted in goal we may conclude that the players who play in both side corridors (right and left defenders, right and left wingers) and the forward are the ones who most influence and build goal situations.

KEYWORDS: Game Analysis, Finalization, Youth Training, Networks.

ÍNDICE

CAPÍTULO I	1
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO II	4
REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1. O Futebol enquanto objeto de análise	4
2.2. Momento de transição ofensiva	5
CAPÍTULO III	11
METODOLOGIA	11
3.1. Amostra	11
3.2. Variáveis	11
3.2.1. Recuperação da posse de bola.....	11
3.2.1.3. Tipo de bloco defensivo – zona de pressão	13
3.2.1.4. Jogador recuperador	14
3.2.1.5. Tipologia de primeiro passe após recuperação.....	14
3.2.2. Desenvolvimento da transição ofensiva	16
3.2.2.1. Padrão de jogo evidenciado	16
3.2.3. Final da transição.....	18
3.3. Procedimentos	19
CAPÍTULO IV	21
RESULTADOS	21
4.1. Início da Posse de Bola	21
4.2. Final da Posse de Bola	24
4.3. Análise Estatística Inferencial	29
4.4. Análise das Interações na Origem dos Golos.....	33

CAPÍTULO V	39
DISCUSSÃO	39
5.1. Características da Transição Ofensiva e Influência das Fases de Competição.....	39
5.2. Interação nos Momentos de Transição Ofensiva.....	43
CAPÍTULO VI	45
CONCLUSÕES	45
6.1. Limitações.....	46
6.2. Investigação Futura	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Campograma e zonas de jogo. (adaptado de Gama et al. (2014))...	12
Figura 2. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 2-0 no jogo Portugal 3 vs 0 Israel.....	34
Figura 3. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 0-2 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.....	34
Figura 4. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 0-3 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.....	35
Figura 5. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 1-4 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.....	35
Figura 6. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 1-5 no Hungria 1 vs 6 Portugal.	36
Figura 7. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 1-6 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.....	36
Figura 8. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 1-2 no jogo Áustria 1 vs 2 Portugal.	37
Figura 9. Rede de interações do total dos golos, que representa o comportamento coletivo da equipa.....	37

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Frequência da ZRPB, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	21
Tabela 2. Frequência do TRPB, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	22
Tabela 3. Frequência do tipo de PJE, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	23
Tabela 4. Frequência da ZUP, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	24
Tabela 5. Frequência do TUP, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	25
Tabela 6. Frequência da ZFT, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	26
Tabela 7. Frequência do TFT, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.....	27

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Frequência da ZRPB, em função da fase da competição.....	29
Gráfico 2. Frequência do TRPB, em função da fase da competição.....	30
Gráfico 3. Frequência do PJE, em função da fase da competição.....	30
Gráfico 4. Frequência da ZUP, em função da fase da competição.	31
Gráfico 5. Frequência do TUP, em função da fase da competição.	31
Gráfico 6. Frequência da ZFT, em função da fase da competição.....	32
Gráfico 7. Frequência do TFT, em função da fase da competição.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AR – Ataque Rápido

CA – Contra-Ataque

PJE – Padrão de Jogo Evidenciado

SND – Situação Não Dinâmica

TFT – Tipo de Fim da Transição

TO – Transição Ofensiva

TRPB – Tipo de Recuperação da Posse de Bola

TUP – Tipo de Último Passe

ZFT – Zona de Fim da Transição

ZRPB – Zona de Recuperação da Posse de Bola

ZUP – Zona de Último Passe

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A última etapa de formação no futebol refere-se ao escalão de sub-19, que antecede diretamente o futebol sénior, ou seja, a elite. Seguindo as indicações do *Long-Term Athlete Development*, programa de desenvolvimento e formação de atletas da *Canadian Soccer Association* (2009), os atletas neste escalão, são proficientes a nível técnico e tático, trabalhando agora na elevação dos níveis de maturidade de jogo, procurando facilitar a transição para o futebol sénior.

Enquanto modalidade de enorme interesse e impacto social, emerge a importância de compreender o fenómeno do futebol sob os seus diferentes níveis (desportivo, social ou económico) (Silva, 2007), até pela recente evolução da modalidade, que se tem materializado numa perspetiva global de negócio (Fonseca, 2012).

A dinâmica do jogo de futebol assenta numa relação de cooperação-oposição entre duas equipas, com o objetivo de introduzir a bola na baliza adversária e evitar que esta seja introduzida na sua própria baliza, na procura da vitória (Castelo, 1996). O jogo assume assim uma elevada complexidade e necessidade de ajustamento constante dos vinte e dois intervenientes, o que confere ao futebol uma grande complexidade de relações que lhe permitem adquirir dinâmica própria mas de resultado imprevisível (Malta & Travassos, 2014), onde a interação entre fatores físicos, técnico-táticos, psicológicos e sociais é bastante acentuada. Nesse sentido, são diversas as áreas que procuram entender os fatores influenciadores da *performance* desportiva, que permitem a atletas e equipas atingir o máximo de rendimento, nomeadamente a análise de jogo (área em que se insere este estudo), a Psicologia do Desporto, a Fisiologia e a Biomecânica (Glazier, 2010).

Esta complexidade existente no jogo de futebol pode ser melhor compreendida se este for dividido em várias fases e momentos. Existem duas fases do jogo que são facilmente identificáveis: a fase de jogo em que a equipa

está na posse da bola ou processo ofensivo e a fase de jogo em que a equipa não possui a posse da bola ou processo defensivo (Castelo, 1996). No entanto, para uma melhor compreensão do jogo, importa considerar os momentos de transição entre fases, nomeadamente: transição defesa-ataque (transição ofensiva) e transição ataque-defesa (transição defensiva).

Sanjurjo, López e Suárez (2015) caracterizam o processo de transição ofensiva pelo tempo e todas as ações técnico-táticas e estratégicas que ocorrem desde que uma equipa recupera a posse de bola, procurando aproveitar o momento de reorganização defensiva coletiva do adversário (transição defensiva) e a possibilidade de desorganização momentânea do mesmo, para criar uma situação ótima de progressão e/ou finalização, até que se organize ofensivamente, através de um modelo tático ofensivo (organização ofensiva).

O interesse em estudar este momento do jogo surge da necessidade de se conhecer a fase ofensiva do jogo, considerando-se determinante perceber o seu início, uma vez que a capacidade de uma equipa atacar rapidamente e de forma eficaz poderá relacionar-se com a preparação prévia do ataque, mesmo enquanto a equipa se encontra no processo defensivo.

Castelo (2003) atribui dois aspetos fundamentais à transição ofensiva. O primeiro diz respeito às atitudes e comportamentos dos jogadores no momento imediato após a recuperação da posse de bola, respondendo a quatro questões fundamentais:

- i) A quem (todos os jogadores da equipa);
- ii) Quando (momento imediato após a recuperação da posse de bola);
- iii) Onde (em qualquer espaço do jogo);
- iv) Como (ocupando espaços apropriados, estabelecendo linhas de passe, utilizando mudanças rápidas de ritmo e direção e executando procedimentos técnico-táticos individuais ou coletivos).

Já o segundo aspeto depende da transição rápida do centro de jogo, a partir da zona onde ocorre a recuperação da posse de bola e em direção a espaços fulcrais de finalização.

O estudo deste momento de jogo tem sido efetuado no escalão sénior e em equipas de elite, tal como comprovam os estudos de Falcão (2014); Malta e Travassos (2014); Sanjurjo et al. (2015); Silva (2007), denotando-se uma clara escassez de literatura no que diz respeito aos escalões de formação.

Assim, com este estudo pretende-se aprofundar a literatura referente a este tópico, uma vez que não existem trabalhos semelhantes desenvolvidos. Tendo como referência os estudos dos autores citados, o objetivo principal do presente estudo é analisar as transições ofensivas na última etapa de formação no futebol, o escalão de Sub-19, assim como definir e caracterizar as variáveis quantitativas e qualitativas que constituem este momento de jogo.

Além disso, este estudo contempla ainda os seguintes objetivos:

1. Identificar as características mais frequentes, que caracterizam o comportamento da equipa, nos momentos de transição ofensiva que culminam em contra-ataque e ataque rápido;
2. Verificar, através da estatística inferencial, se existem diferenças estatisticamente significativas entre algumas variáveis do momento de transição e as duas fases distintas da competição;
3. Identificar as interações entre os jogadores nas situações de ataque rápido e contra-ataque, que culminam em golo, analisando, através da metodologia das *networks*, o comportamento coletivo da equipa.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. O Futebol enquanto objeto de análise

A análise da *performance* tem como objetivo registrar e analisar os comportamentos que ocorrem durante o jogo, tanto a nível individual como coletivo (Dellal, Wong, Phil, Moalla, & Chamari, 2010; Lago-Peñas & Dellal, 2010).

Recentemente, a análise da *performance* tem vindo a ser largamente aceite por jogadores, treinadores e cientistas do desporto como um *feedback* bastante útil no processo de treino (Drust, 2010). Assim, torna-se preponderante que os parâmetros de rendimento analisados sejam capazes de providenciar qualidade à análise, tornando-a relevante (Clemente, Couceiro, Martins, & Mendes, 2012), devendo as variáveis que se relacionam com o resultado do jogo ser alvo de tratamento através de métodos estatísticos apropriados (Moura, Martins, & Cunha, 2014).

Recorrendo à literatura, verifica-se que existem diversas áreas de produção de estudos realizados neste contexto sob diferentes denominações, onde se destacam: observação do jogo (*game observation*), análise do jogo (*match analysis*) e análise notacional (*notational analysis*) (Garganta, 2001), sendo a análise de jogo a mais utilizada (Garganta, 1997).

Coutts (2014) refere a existência de muitos estudos no futebol sobre análise de jogo, que procuram entender as interações complexas existentes entre as necessidades técnicas, físicas e táticas do jogo, algo que só é possível devido aos recentes avanços na tecnologia que tornaram a recolha de dados uma tarefa relativamente simples quando comparada com os primórdios da análise do jogo. O mesmo autor refere que, em consequência desta evolução tecnológica, houve um aumento significativo dos estudos que examinam questões importantes do futebol, como a evolução temporal do jogo em perfis de

atividade de jogo, comparações entre requisitos de jogo de diferentes ligas, impacto das abordagens táticas e outros fatores contextuais, tais como a localização do jogo, força do oponente, calendários competitivos e desenrolar do perfil de atividade do jogo em função do resultado e das exigências técnicas.

Sarmiento, Anguera, Campaniço e Leitão (2013) referem que a grande complexidade característica dos jogos desportivos coletivos dificulta a objetivação da sua observação e análise. Assim, procurando uma maior objetividade das ações observadas e uma menor aleatoriedade e imprevisibilidade, torna-se fundamental definir e delimitar os paradigmas orientadores da observação (Lopes (2007), citado por Sarmiento et al. (2013)).

A análise de jogo no futebol tem incidido, na sua maioria, na análise dos processos ofensivos, essencialmente porque são estes que se associam à concretização do objetivo operacional do jogo: o “golo” (Vázquez, 2014). No entanto, entende-se que os processos defensivos e as sequências de transição entre momentos (transição ofensiva e defensiva) têm conquistado real importância no resultado final do jogo de futebol, pelo que a sua análise e caracterização deve ser realizada, de forma a compreender-se a sua relevância e influência no jogo.

2.2. Momento de transição ofensiva

Embora em menor escala, quando comparado com a análise dos processos ofensivos, existem alguns trabalhos que estudaram a transição ofensiva, com diferentes objetivos e metodologias que serão apresentados adiante. Ainda assim, são escassos os estudos que se focaram declaradamente no momento de transição ofensiva, sendo que a maioria foca o seu objetivo nas sequências ofensivas que culminam em finalização, e relacionam-nas com as características do momento em que ocorreu a transição.

Silva (2007) estudou 392 sequências ofensivas terminadas em finalização de equipas de nível superior (que superaram os quartos de final) e 284 de equipas de nível inferior (que não superaram a fase de grupos), relativas ao

Campeonato do Mundo 2006. Através da aplicação de um teste estatístico às variáveis (a Anova *one-way*), foram produzidas tabelas de contingência entre as variáveis zona de recuperação, primeiro passe e tipo de relação numérica ataque-defesa com a forma como termina a ação ofensiva e com a zona de finalização, escalonados por equipas superiores e equipas inferiores.

Nascimento (2008) observou 5 jogos do Manchester United na época 2008/2009 em 3 competições distintas, utilizando técnicas de análise sequencial e descritiva, para observar as sequências ofensivas positivas, que se iniciavam aquando da recuperação da posse de bola até que houvesse finalização (golo, remate à baliza, remate intercetado ou remate para fora).

O estudo de Sousa (2010), que analisa 130 atletas de sete equipas do escalão sub-15 do Campeonato Distrital de Viseu, contempla escalões de formação mas não disseca o momento de transição ofensiva. Este consistiu na visualização de imagens por parte dos atletas, de momentos de transição ofensiva, com indicação da resposta relativa à tomada de decisão correta.

Malta e Travassos (2014) observaram 4 jogos da 1ª Liga Portuguesa na época 2011/2012, analisando 52 sequências de transição ofensiva, com identificação do sistema tático da equipa, com o objetivo de aferir o posicionamento de cada jogador em campo.

Falcão (2014) analisou 24 jogos dos Campeões Nacionais de Espanha, Inglaterra e Itália, na época 2011/2012 e definiu as seguintes variáveis como relevantes e essenciais na caracterização do processo de transição ofensiva: tempo de jogo, zona de recuperação, tipo de recuperação da posse de bola, jogador que recupera a posse de bola, atitude do jogador quando recupera a posse de bola, resultado momentâneo do jogo, identificação do contexto situacional, método de jogo defensivo e término da ação ofensiva com golo.

Por fim, Sanjurjo et al. (2015) observaram 7 jogos da segunda fase e da fase final do Campeonato da Europa Áustria-Suíça, em 2008, analisando e registando 743 ações que se iniciaram por meio de uma transição ofensiva.

O estudo do processo de transição ofensiva no futebol de elite tem, geralmente, como objetivo identificar as variáveis que influenciam o processo e, por outro lado, estabelecer relações significativas entre as variáveis que caracterizam o seu início e o seu fim. Tal como referido anteriormente, parece existir uma carência deste tópico na literatura no que diz respeito aos escalões de formação. A maioria dos estudos diz respeito ao futebol de elite, sendo que o trabalho de Sousa (2010) investigou a tomada de decisão em jovens futebolistas, mas sem analisar o processo de transição ofensiva.

São diversas as formas de análise e caracterização do processo de transição ofensiva que se encontram na literatura. As mais frequentes e que melhor identificam a primeira fase da transição ofensiva são a zona de recuperação da posse de bola, o tipo de recuperação da posse de bola e o tipo de primeiro passe após a recuperação da posse de bola. Quanto às características de desenvolvimento da transição ofensiva, podem variar quanto à duração, número de passes e tipo de passe mais utilizado, número de variações de corredor e intenção tática (manutenção da posse de bola, contra-ataque ou ataque rápido). Por fim, caracteriza-se a transição ofensiva quanto à zona e tipo de finalização.

No que diz respeito à zona de recuperação da posse de bola, Silva (2007) concluiu que quando a recuperação era feita em zonas defensivas, ocorria preferencialmente em corredores centrais, sendo que com a aproximação à baliza adversária, tinham tendência a ocorrer em zonas de corredores laterais, sendo estas as que mais sequências de finalização potenciavam. No mesmo estudo, verificou-se que as equipas de nível superior, em comparação com as de nível inferior, aproveitaram com melhor eficácia as situações de finalização com recuperação da posse de bola em setores mais próximos da baliza adversária.

Nascimento (2008) verificou que os jogadores que mais vezes recuperaram a posse de bola foram os defesas centrais e médios centrais, maioritariamente no corredor central, tanto no setor médio defensivo como médio ofensivo. Já Malta e Travassos (2014) verificaram que os médios defensivos

centrais também recuperam a bola sobre os corredores laterais, ajudando a criar superioridade sobre os mesmos, exercendo maior pressão e rápida recuperação da posse de bola, com bloco agressivo sobre os corredores laterais. Costa (2010) não constatou a existência de zonas predominantes de recuperação da posse de bola que garantam mais probabilidade de finalização, no entanto verificou igualmente uma maior tendência para a recuperação nos setores médio defensivo e médio ofensivo. Por fim, Fonseca (2012) observou uma maior predominância de recuperações de bola no corredor central, principalmente no setor intermédio defensivo central e setor intermédio ofensivo central.

Quanto ao tipo de recuperação da posse de bola, Silva (2007) concluiu que as equipas de nível superior utilizam preferencialmente a interceção, enquanto as equipas de nível inferior preferem a recuperação através das bolas paradas. No entanto, quando analisadas apenas as sequências ofensivas finalizadas em golo, as equipas de ambos os níveis utilizam, preferencialmente, a interceção na recuperação da posse de bola. No estudo de Nascimento (2008), metade das situações de recuperação da posse de bola analisadas aconteceram através de desarmes e interceções.

Sanjurjo et al. (2015) concluiu que as recuperações de posse de bola feitas pelo guarda-redes são as que apresentam menor probabilidade de êxito na finalização da transição ofensiva. Por fim, Costa (2010) verificou que recuperações mais ativas, como a interceção, parecem influenciar positivamente o momento de transição, possibilitando o aproveitamento de um posicionamento defensivo desequilibrado do adversário.

O instante e tipologia do primeiro passe é também, comumente, analisado como caracterizador do processo de transição ofensiva. Silva (2007) verificou que os passes curtos para a frente e para o lado são observados com maior frequência, sendo os curtos para a frente os que permitiram com maior frequência a obtenção do golo. O mesmo resultado foi confirmado no estudo de Nascimento (2008), que verificou a existência de uma preocupação inicial em efetuar um passe para zonas centrais, as mesmas de recuperação, mas mais adiantadas à zona onde a bola é recuperada. Também o estudo de Costa (2010)

corroborar que o objetivo da primeira ação após recuperação da posse de bola é retirá-la da zona de pressão, preferencialmente para a frente e em distâncias curtas/médias.

O estudo de Malta e Travassos (2014) difere ligeiramente dos resultados anteriores, sendo que se constatarem dois tipos de ligação preferencial na transição ofensiva: i) passe lateral, dentro do corredor central para o apoio mais próximo, e ii) passe mais longo, direto, com solicitação do avançado centro. No entanto existe uma maior preferência pela primeira opção.

O processo de desenvolvimento da transição ofensiva também pode apresentar diversas características, nomeadamente, quanto à duração, aos jogadores intervenientes, ao número de passes, ao número de variações de corredor, à intenção tática e ao tipo de desmarcação.

Quanto à duração, Nascimento (2008) registou uma duração inferior a 12 segundos, quando se verificou um número de passes entre os 0 e 5, com a participação de 1 a 5 jogadores e preferencialmente em desmarcações de apoio, privilegiando a profundidade em detrimento da largura. Silva (2007) analisou também o número de variações de corredor, verificando que, embora sem diferenças estatisticamente significativas, as médias de variação de corredor encontradas foram superiores nas sequências ofensivas culminadas em golo.

Por fim, a conclusão do processo de transição ofensiva e da sequência ofensiva, pode ser caracterizada quanto à zona de finalização, tipo de finalização e método de jogo ofensivo. Nascimento (2008) identifica uma prevalência do corredor central na execução do último passe, tanto no setor atacante como setor médio ofensivo, com uma prevalência de utilização do ataque rápido em detrimento do contra-ataque e ataque organizado.

Os resultados encontrados pelos diversos autores citados, indicam algumas tendências características do processo de transição ofensiva, no entanto é importante perceber que estas estão sempre dependentes do contexto situacional e do modelo de jogo adotado. Fica ainda evidente, como já foi referido

anteriormente, a carência de tratamento deste momento de jogo nos escalões de formação, o que motivou a realização deste estudo. A escolha de uma seleção e não de um clube, prende-se com o intuito de analisar a elite do futebol de formação, na antecâmara do futebol sénior.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1. Amostra

A amostra foi constituída pelos jogos da Seleção Nacional de Portugal Sub-19, finalista vencida no Campeonato da Europa Sub-19 2014, realizado na Hungria, sendo observados os seguintes encontros.

- 1) Portugal 3 vs 0 Israel, jornada 1 do Grupo A (19/07/2014);
- 2) Hungria 1 vs 6 Portugal, jornada 2 do Grupo A (22/07/2014);
- 3) Áustria 1 vs 2 Portugal, jornada 3 do Grupo A (25/07/2014);
- 4) Portugal 0 vs 0 Sérvia, Meia-final (28/07/2014);
- 5) Portugal 0 vs 1 Alemanha, Final (31/07/2014).

Foram registadas todas as ações de Transição Ofensiva (TO), num total de 133, que evidenciam um padrão de jogo de Contra-Ataque (CA) ou Ataque Rápido (AR), que culminam em finalização ou perda da posse de bola nos setores 5 e 6 do campograma adotado, considerando-se também aquelas em que a perda da posse de bola ocorre no setor 4, sendo evidente a existência de condições para finalizar a jogada. Foram excluídas da amostra todas as ações em que não existe interação entre, no mínimo, 2 jogadores da mesma equipa.

3.2. Variáveis

3.2.1. Recuperação da posse de bola

Garganta (1997) refere que uma equipa conquista a posse de bola quando qualquer um dos seus jogadores executa uma das seguintes ações:

- i) Realiza pelo menos três contactos consecutivos com bola;
- ii) Executa um passe que permita a manutenção da posse de bola (passe positivo);
- iii) Realiza um remate.

3.2.1.1. Zona de recuperação da posse de bola

Para análise desta variável optou-se pela utilização do campograma proposto pelo programa de análise de jogo Amisco ® (Figura 1), validado para análise de jogos de Futebol de alto rendimento (Gama et al., 2014).



Legenda: E = Esquerda; CE = Central Esquerda; CD = Central Direita; D = Direita.

Figura 1. Campograma e zonas de jogo. (adaptado de Gama et al. (2014))

A estrutura do campograma apresentado contempla 24 zonas, fruto da divisão do campo em 4 corredores e 6 setores e das suas interceções.

3.2.1.2. Tipo de recuperação da posse de bola

Interceção

Considera-se interceção sempre que o jogador conquista a posse de bola pela interrupção de um passe, cruzamento ou remate de um adversário (Garganta, 1997).

Desarme

Considera-se desarme sempre que o jogador conquista a posse de bola intervindo sobre ela, a partir de uma relação direta de oposição com o portador da mesma (Garganta, 1997).

Recuperação

Considera-se recuperação sempre que ocorrem erros por parte do portador da bola (adversário), seja na execução de uma receção, cruzamento ou passe para uma zona do terreno em que não se encontra qualquer jogador (Nascimento, 2008).

Situação não dinâmica – “bolas paradas”

Considera-se Situação Não Dinâmica (SND) quando a posse de bola nasce de uma reposição por pontapé de baliza, falta do adversário, lançamento de linha lateral, reposição pelo guarda-redes, defesa do guarda-redes e golo adversário (Nascimento, 2008).

3.2.1.3. Tipo de bloco defensivo – zona de pressão

Esta variável foi definida pela relação numérica dos jogadores, no momento da recuperação da posse de bola, pelos seis setores definidos no campograma adotado, considerando-se as situações abaixo descritas.

Bloco baixo

Quando 8 jogadores ou mais se encontram colocados nos setores 1 e 2 aquando do momento de recuperação da posse de bola.

Bloco médio

Quando 6 jogadores ou mais se encontram colocados nos setores 3 e 4 aquando do momento de recuperação da posse de bola.

Bloco alto

Quando 5 jogadores ou mais se encontram colocados nos setores 5 e 6 no momento de recuperação da posse de bola.

3.2.1.4. Jogador recuperador

Nesta variável assinalam-se apenas os jogadores que realizaram uma recuperação ativa da posse de bola, ou seja, os jogadores que realizaram um desarme ou interceção.

3.2.1.5. Tipologia de primeiro passe após recuperação

O primeiro passe após recuperação da posse de bola representa o primeiro envio da bola entre dois jogadores da mesma equipa, sendo apenas contabilizado se a bola for transmitida efetivamente a um elemento da mesma equipa (Garganta, 1997).

Direção

Representa o sentido da bola durante a sua deslocação, no primeiro passe, entre dois jogadores da mesma equipa. Segundo Garganta (1997), nesta categoria é possível considerar passe para a frente, passe para trás e passe lateral.

Alcance

Embora não existam referências para a classificação do alcance do passe que digam respeito ao campograma adotado, seguindo algumas metodologias referentes a outros campogramas, optou-se por se considerar:

- i) Passe curto/médio (quando a bola, relativamente à origem do passe, foi enviada para a mesma zona ou para uma das zonas contíguas do campo de jogo);
- ii) Passe longo (quando a bola, relativamente à origem do passe, cruza e ultrapassa uma das zonas contíguas do campo de jogo e, é jogada numa terceira zona).

Altura

Representa a altura a que a bola é enviada durante a sua deslocação, no primeiro passe, entre dois jogadores da mesma equipa. De acordo com Castelo (1994), considera-se:

- i) Passe raso (quando a bola, na sua trajetória, não ultrapassa o nível dos joelhos dos jogadores);
- ii) Passe a meia altura (quando a bola, na sua trajetória, ultrapassa o nível dos joelhos dos jogadores, mas não ultrapassa a sua altura);
- iii) Passe alto (quando a bola, na sua trajetória, ultrapassa a altura dos jogadores).

Zona de envio do 1º passe

Indica-nos a zona de execução do primeiro passe entre dois jogadores da mesma equipa, no campograma adotado.

Zona de receção do 1º passe

Indica-nos a zona de destino da bola, no campograma adotado, na realização do primeiro passe, entre dois jogadores da mesma equipa.

3.2.2. Desenvolvimento da transição ofensiva

3.2.2.1. Padrão de jogo evidenciado

Desde o momento de recuperação da posse de bola, até ao momento de finalização ou perda da posse de bola, as equipas desenvolvem diferentes padrões de jogo, com diferentes características, essencialmente através do desenvolvimento da transição defesa/ataque e da organização ofensiva (Garganta, 1997). Com o estudo desta variável, pretende-se verificar e analisar quais os padrões de jogo que a equipa privilegia no desenvolvimento da TO, de forma que se estabeleçam características ótimas para a obtenção de situação de finalização.

Castelo (1994) e Garganta (1997) propõe três formas básicas de padrão de jogo ofensivo, com determinadas características imputadas, que servem de referencial para a codificação do desenvolvimento da TO.

Por fim pretende-se identificar as interações entre os jogadores nas fases de AR e CA que culminam em golo através da metodologia das *networks*.

Contra-ataque

O CA surge quando a bola é conquistada no meio campo defensivo e a equipa adversária se apresenta avançada no terreno de jogo e desequilibrada defensivamente. Procede-se assim a uma rápida transição da Zona de Recuperação da Posse de Bola (ZRPB) para zonas de finalização, sendo o tempo de realização do ataque baixo (inferior a 12 segundos), número de passes não superior a cinco, executado a um ritmo elevado, com prevalência das desmarcações de rutura, utilizando-se sobretudo passes longos e em profundidade

Ataque rápido

Ocorre quando a bola é conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo, com a equipa adversária equilibrada defensivamente, procedendo-se a uma circulação de bola em largura e profundidade a um ritmo elevado. O número de passes não supera os sete, sendo que o tempo de realização do ataque, em regra, não ultrapassa os 18 segundos.

3.2.2.2. Network

Representa a “rede” de contactos que suporta o número máximo de interações efetuadas e recebidas entre os jogadores da mesma equipa, mediante a sua distribuição no campo (Passos et al., 2011). Assim, para cada jogador, de forma individual, atribui-se uma seta que une o interveniente da equipa a quem realizou a respetiva interação, sendo que esse número é registado através de um esquema representativo (Belli, 2014; Gama, 2013; Gama et al., 2014).

A posição exata em que o jogador se encontra no campo na apresentação da *Network* é obtida através do posicionamento médio do jogador durante o jogo, nos momentos que se pretendem estudar, que resulta do número total de contactos com bola efetuado por cada jogador (Gama, 2013; Gama et al., 2014; Relvas, 2011; Vaz, Gama, Valente-dos-Santos, Figueiredo, & Dias, 2014).

3.2.2.3. Número de passes

Número total de passes realizados, desde o momento de recuperação da posse de bola até ao final da jogada, ocorrendo finalização ou perda da posse de bola.

3.2.2.4. Duração do ataque

Tempo, em segundos, que decorre desde o momento de recuperação da posse de bola até ao final da jogada, ocorrendo finalização ou perda da posse de bola.

3.2.3. Final da transição

3.2.3.1. Zona de fim da transição

Variável definida pelas 24 zonas estabelecidas no campograma apresentado, registando-se a zona em que ocorre o final da transição. Só foram registadas as transições que foram desenvolvidas através de AR ou CA e que terminaram nas zonas 5 e 6.

3.2.3.2. Zona do último passe

Variável definida pelas 24 zonas estabelecidas no campograma apresentado, registando-se a zona em que ocorre o último passe, quer ele permita a continuidade da jogada, quer seja um passe errado ou um cruzamento intercetado.

3.2.3.3. Tipo de último passe

Caracterizado pelo alcance do último passe, quer ele permita a continuidade da jogada ou seja resultado de um passe errado. Tal como já foi referido anteriormente, quanto ao tipo de primeiro passe, o alcance caracteriza-se por: passe curto/médio quando a bola, relativamente à origem do passe foi enviada para a mesma zona ou para uma das zonas contíguas do campo de jogo; passe longo quando a bola relativamente à origem do passe, cruza e ultrapassa uma das zonas contíguas do campo de jogo e, é jogada numa terceira zona.

Nesta variável considera-se também o cruzamento, ação esta que se regista quando um jogador posicionado num dos corredores laterais do meio campo adversário envia a bola para zonas de finalização, essencialmente compostas pela grande área ou entrada da grande área (Relvas, 2011).

3.2.3.4. Tipo de fim da transição

Tipo de acontecimento que termina o desenvolvimento da ação, estabelecendo-se para tal as variáveis, golo, remate à baliza, remate interceptado, remate para fora, cruzamento interceptado, cruzamento falhado, falta sofrida, falta cometida, passe errado e erro individual.

3.2.4. Fase da competição

Identifica o momento da competição em que cada ação de transição ofensiva analisada ocorre. Diferencia entre fase de grupos constituída pelos primeiros três jogos (sendo que no final dos mesmos as equipas qualificam-se ou não para uma fase a eliminar); meia-final (um único jogo que pode ou não dar acesso à final); e, final (um único jogo que define o vencedor da competição).

3.3. Procedimentos

Os procedimentos deste estudo consistiram no seguinte:

1. Recolha das imagens relativas aos jogos analisados, disponíveis em diversos *websites*, através do *download* dos ficheiros em formato *.avi*;
2. Realização da análise quantitativa e qualitativa das ações de jogo e variáveis anteriormente descritas, recorrendo ao *software* de análise de jogo – Video Observer ®. Deste modo, seleccionámos e analisámos os dados quantitativos do jogo referentes à análise notacional (e.g., zona e tipo de recuperação, jogador recuperador), respeitantes aos momentos de TO referentes à equipa de Portugal, em cada um dos jogos propostos na amostra;

3. Análise quantitativa e qualitativa dos momentos de TO, através da observação da frequência das variáveis e da estatística inferencial, com recurso aos programas *Microsoft Office Excel 2013* e *IBM SPSS Statistics 22*;
4. Reprodução das redes de interações (*networks*) representativas do comportamento coletivo da equipa nas situações de CA e AR que culminaram em golo, recorrendo ao *software* NodeXL.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS

4.1. Início da Posse de Bola

Em relação ao início da posse de bola, pode observar-se na Tabela 1 a apresentação global dos resultados relativos à frequência da ZRPB nas diferentes fases da competição.

Tabela 1. Frequência da ZRPB, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-Final e Final.

Zonas do campograma	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
1 D	0	0,0%	0	0,0%	2	10,0%	2	1,5%
1 CD	7	8,5%	1	3,2%	2	10,0%	10	7,5%
1 CE	3	3,7%	0	0,0%	1	5,0%	4	3,0%
1 E	1	1,2%	0	0,0%	1	5,0%	2	1,5%
2 D	3	3,7%	0	0,0%	1	5,0%	4	3,0%
2 CD	7	8,5%	3	9,7%	1	5,0%	11	8,3%
2 CE	5	6,1%	1	3,2%	0	0,0%	6	4,5%
2 E	3	3,7%	1	3,2%	0	0,0%	4	3,0%
3 D	5	6,1%	4	12,9%	1	5,0%	10	7,5%
3 CD	9	11,0%	1	3,2%	2	10,0%	12	9,0%
3 CE	8	9,8%	1	3,2%	2	10,0%	11	8,3%
3 E	7	8,5%	6	19,4%	3	15,0%	16	12,0%
4 D	1	1,2%	3	9,7%	0	0,0%	4	3,0%
4 CD	8	9,8%	2	6,5%	0	0,0%	10	7,5%
4 CE	5	6,1%	3	9,7%	2	10,0%	10	7,5%
4 E	3	3,7%	0	0,0%	1	5,0%	4	3,0%
5 D	1	1,2%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%
5 CD	2	2,4%	1	3,2%	0	0,0%	3	2,3%
5 CE	2	2,4%	2	6,5%	1	5,0%	5	3,8%
5 E	1	1,2%	2	6,5%	0	0,0%	3	2,3%
6 E	1	1,2%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

A primeira análise que importa executar diz respeito à distribuição do número de transições ofensivas ocorridas em cada fase da competição. Na fase

de grupos ocorreram 82 ações, distribuídas por 3 jogos, já na meia-final ocorreram 31 ações e na final apenas 20 ações de TO.

Relativamente à fase de grupos, a zona onde ocorreu um maior número de recuperações da posse de bola foi a zona 3 CD (11,0%), seguida das zonas 3 CE e 4 CD (9,8%) e das zonas 1 CD, 2 CD e 3 E (8,5%). As zonas 2 CE, 3 D e 4 CE (6,1%) representam também algum significado nos resultados obtidos. Em todas as restantes zonas do campograma existiu alguma ação de recuperação da posse de bola, à exceção da zona 1 D onde não existiu qualquer ação de recuperação da posse de bola. Na meia-final, a zona 3 E (19,4%) destaca-se das restantes, seguida pela zona 3 D (12,9%) e a zona 2 CD (9,7%). Nas zonas 1 D, 1 CE, 1 E, 2 D, 4 E, 5 D e 6 E não ocorreu qualquer ação de recuperação da posse de bola. Por fim, na final da competição, foi na zona 3 E (15,0%) que voltou a existir um maior número de ocorrências de recuperação da posse de bola, seguida das zonas 1 D, 1 CD, 3 CD, 3 CE e 4 CE (10,0%) e das zonas 1 CE, 1 E, 2 D, 2 CD, 3 D, 4 E e 5 CE (5,0%). Em todas as restantes zonas não ocorreu qualquer ação de recuperação da posse de bola. No total, tendo em conta todos os jogos da competição, ocorreu um maior número de recuperações da posse de bola na zona 3 E (16,0%), seguida das zonas 3 CD (9,0%), 2 CD e 3 CE (8,3%), 1 CD, 3 D, 4 CD e 4 CE (7,5%). As zonas 5 D e 6 E (0,8%) foram as zonas onde ocorreram menos ações de recuperação da posse de bola.

Os resultados relativos à frequência do Tipo de Recuperação da Posse de Bola (TRPB) nas diferentes fases da competição estão expressos na Tabela 2.

Tabela 2. Frequência do TRPB, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

Ações	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
Desarme	16	19,5%	5	16,1%	6	30,0%	27	20,3%
Interceção	34	41,5%	11	35,5%	4	20,0%	49	36,8%
Recuperação	26	31,7%	12	38,7%	8	40,0%	46	34,6%
Situação Não Dinâmica	6	7,3%	3	9,7%	2	10,0%	11	8,3%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

Relativamente à frequência do TRPB nas diferentes fases da competição, verifica-se que, para a fase de grupos, a intercepção (41,5%) foi o TRPB mais utilizado, seguido pela recuperação (31,7%) e do desarme (19,5%). A ação menos vezes utilizada para a recuperação da posse de bola foi a SND (7,3%). Na meia-final foi a recuperação (38,7%) a ação com mais representação, seguida de perto pela intercepção (35,5%). As ações de desarme (16,1%) e SND (9,7%) foram as ações menos frequentes relativamente ao TRPB. Por fim, na final da competição voltou a ser a recuperação (40,0%) a ação preferencial para recuperação da posse de bola, seguida do desarme (30,0%), intercepção (20,0%) e, por último, SND (10,0%). No que diz respeito ao total de jogos da competição, a intercepção (36,8%) e a recuperação (34,6%) foram as ações preferenciais de recuperação da posse de bola, seguidas pelo desarme (20,3%). A SND (8,3%) foi a ação menos representada com uma percentagem diminuta.

Por último, os resultados relativos à frequência do tipo de Padrão de Jogo Evidenciado (PJE) nas diferentes fases da competição encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3. Frequência do tipo de PJE, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
Contra Ataque	21	25,6%	4	12,9%	7	35,0%	32	24,1%
Ataque Rápido	61	74,4%	27	87,1%	13	65,0%	101	75,9%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

Através da análise da Tabela 3, constata-se que, nas três fases da competição, o AR foi o tipo de padrão de jogo ofensivo preferencial da equipa analisada, seguido do CA. Na fase de grupos o AR apresentou uma percentagem de ocorrência de 74,4%, seguido do CA com 25,6%. O mesmo sucedeu na meia-final, sendo que aqui o AR representou 87,1% das ações, enquanto o CA representou 12,9%. Por fim, na final, o equilíbrio dos dados foi maior, no entanto, continuou a existir uma dominância do AR (65,0%), perante o CA (35,0%). No total dos jogos da competição, o ataque rápido representou 75,9% das ações de transição ofensiva analisadas, enquanto o contra ataque representou apenas 24,1%.

4.2. Final da Posse de Bola

Em relação ao final da posse de bola, a apresentação global dos resultados relativos à frequência da Zona de Último Passe (ZUP) nas diferentes fases da competição está expressa na Tabela 4.

Tabela 4. Frequência da ZUP, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

Zonas do campograma	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
2 D	0	0,0%	0	0,0%	1	5,0%	1	0,8%
2 CE	1	1,2%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%
3 D	1	1,2%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%
3 CD	1	1,2%	2	6,5%	0	0,0%	3	2,3%
3 CE	4	4,9%	2	6,5%	2	10,0%	8	6,0%
3 E	5	6,1%	0	0,0%	1	5,0%	6	4,5%
4 D	1	1,2%	1	3,2%	1	5,0%	3	2,3%
4 CD	7	8,5%	3	9,7%	2	10,0%	12	9,0%
4 CE	7	8,5%	5	16,1%	3	15,0%	15	11,3%
4 E	2	2,4%	1	3,2%	1	5,0%	4	3,0%
5 D	8	9,8%	3	9,7%	0	0,0%	11	8,3%
5 CD	10	12,2%	1	3,2%	2	10,0%	13	9,8%
5 CE	6	7,3%	3	9,7%	1	5,0%	10	7,5%
5 E	10	12,2%	4	12,9%	2	10,0%	16	12,0%
6 D	1	1,2%	3	9,7%	1	5,0%	5	3,8%
6 CD	6	7,3%	0	0,0%	1	5,0%	7	5,3%
6 CE	6	7,3%	1	3,2%	1	5,0%	8	6,0%
6 E	6	7,3%	2	6,5%	1	5,0%	9	6,8%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

Relativamente à ZUP executado antes da perda da posse de bola, verifica-se que na fase de grupos foi nas zonas 5 CD e 5 E (12,2%) que mais vezes ocorreu o último passe. As zonas 5 D (9,8%), 4 CD e 4 CE (8,5%), 6 CD, 6 CE e 6 E (7,3%) apresentam também valores significativos. Relativamente às zonas menos utilizadas para o último passe, os valores mais baixos são, naturalmente, os correspondentes às zonas que correspondem aos setores mais defensivos do campo, à exceção da zona 6 D (1,2%).

Na meia-final a zona preponderante para execução do último passe foi a zona 4 CE (16,1%), seguida da 5 E (12,9%) e das zonas 4 CD, 5 D, 5 CE e 6 D (9,7%). Na final, existe uma distribuição maior das zonas de execução do último passe, sendo a 4 CE (15,0%) aquela onde ocorreu o maior número de execuções, seguida pelas zonas 3 CE, 4 CD, 5 CD e 5 E (10,0%) e pelas zonas 2 D, 3 E, 4 D, 4 E, 5 CE, 6 D, 6 CD, 6 CE e 6 E (5,0%).

No que diz respeito aos dados totais de todos os jogos da competição, a zona preferencial para execução do último passe foi a 5 E (12,0%), seguida pela 4 CE (11,3%) e 5 CD (9,8%). Por outro lado, as zonas menos influentes neste parâmetro foram a 4 E (3,0%), 3 CD e 4 D (2,3%) e 2 D, 2 CE e 3 D (0,8%). De referir ainda que as zonas 1 D, 1 CD, 1 CE, 1 E, 2 CD e 2 E não se encontram representadas na tabela pois não ocorre nenhuma ação de último passe nas mesmas, ao longo de toda a competição.

A Tabela 5 mostra os resultados relativos à frequência do Tipo de Último Passe (TUP) nas diferentes fases da competição.

Tabela 5. Frequência do TUP, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

Ação	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
Curto/médio	50	61,0%	18	58,1%	12	60,0%	80	60,2%
Longo	13	15,9%	6	19,4%	4	20,0%	23	17,3%
Cruzamento	19	23,2%	7	22,6%	4	20,0%	30	22,6%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

Verifica-se que na fase de grupos, o tipo de passe preferencial para execução do último passe foi o curto/médio (61,0%), seguido do cruzamento (23,2%) e, por fim, o longo (15,9%). A mesma ordem se constata na meia-final, com o passe curto/médio (58,1%) a ser preferido ao cruzamento (22,6%) e ao passe longo (19,4%): Na final da competição, voltou a ser o passe curto/médio (60,0%) o mais frequente enquanto último passe, seguido do passe longo (20,0%) e cruzamento (20,0%). No total da competição, verifica-se que o passe curto/médio (60,2%) foi o mais utilizado, seguido do cruzamento (22,6%). O

passa longo (17,3%) foi o menos frequente quando a equipa se encontrava próxima de zonas de finalização.

Os resultados relativos à frequência da Zona de Final da Transição (ZFT) nas diferentes fases da competição estão expostos na Tabela 6.

Tabela 6. Frequência da ZFT, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
4 CE	0	0,0%	0	0,0%	1	5,0%	1	0,8%
5 D	1	1,2%	3	9,7%	2	10,0%	6	4,5%
5 CD	12	14,6%	9	29,0%	1	5,0%	22	16,5%
5 CE	11	13,4%	4	12,9%	3	15,0%	18	13,5%
5 E	8	9,8%	3	9,7%	2	10,0%	13	9,8%
6 D	5	6,1%	1	3,2%	1	5,0%	7	5,3%
6 CD	23	28,0%	3	9,7%	4	20,0%	30	22,6%
6 CE	19	23,2%	6	19,4%	3	15,0%	28	21,1%
6 E	3	3,7%	2	6,5%	3	15,0%	8	6,0%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

Tal como referido anteriormente, foram consideradas as ações de transição ofensiva que evidenciam um padrão de jogo de CA ou AR, que culminaram em finalização ou perda da posse de bola nos setores 5 e 6 do campograma adotado, considerando-se também aquelas em que a perda da posse de bola ocorreu no setor 4, sendo evidente a existência de condições para finalizar a jogada. Foram excluídas da amostra todas as ações em que não existe interação entre, no mínimo, 2 jogadores da mesma equipa.

Assim, a análise das zonas onde ocorreu o final da transição está condicionada à zona 4 CE e aos setores 5 e 6 do campograma adotado. Foi possível verificar que na fase de grupos a zona onde ocorreu mais vezes o final da transição é a 6 CD (28,0%), seguido da 6 CE (23,2%), 5 CD (14,6%) e 5 CE (13,4%).

As zonas 5 E (9,8%), 6 D (6,1%), 6 E (3,7%), 5 D (1,2%) e 4 CE (0,0%) apresentam valores menos significativos ou nulos. Na meia-final, a zona onde

ocorreu mais vezes o final da transição foi a 5 CD (29,0%), seguido da 6 CE (19,4%) e 5 CE (12,9%). As zonas 5 D, 5 E e 6 CD (9,7%), 6 E (6,5%), 6 D (3,2%) e 4 CE (0,0%) apresentam valores menos significativos.

Por último, na final da competição a zona mais utilizada para final da transição foi a 6 CD (20,0%), seguida das zonas 5 CE, 6 CE e 6 E (15,0%) e 5 D e 5 E (10,0%). As zonas 4 CE, 5 CD e 6 D (5,0%) foram onde o final da transição ocorreu com menos frequência. Já no que diz respeito ao total dos jogos da competição, a zona onde a transição terminou com mais frequência foi a 6 CD (22,6%), seguida de perto pela 6 CE (21,1%), sendo estas as zonas mais próximas da baliza do adversário.

Logo de seguida surgem as zonas centrais do campo, mas num setor mais recuado, como a 5 CD (16,5%) e 5 CE (13,5%). A zona 5 E (9,8%) apresenta também valores significativos. Já as zonas 6 E (6,0%), 6 D (5,3%), 5 D (4,5%) e 4 CE (0,8%) são as em que a transição terminou com menos frequência.

Finalmente, os resultados relativos à frequência do Tipo de Final da Transição (TFT) nas diferentes fases da competição são apresentados na Tabela 7.

Tabela 7. Frequência do TFT, separadamente para a Fase de Grupos, Meia-final e Final.

Ação	Fase de Grupos		Meia-final		Final		Total	
	n	%	n	%	n	%	n _T	% _T
Golo	7	8,5%	0	0,0%	0	0,0%	7	5,3%
Remate Intercetado	3	3,7%	0	0,0%	1	5,0%	4	3,0%
Remate Para Fora	8	9,8%	6	19,4%	0	0,0%	14	10,5%
Cruzamento Intercetado	13	15,9%	6	19,4%	3	15,0%	22	16,5%
Falta Sofrida	6	7,3%	1	3,2%	2	10,0%	9	6,8%
Falta Cometida	2	2,4%	1	3,2%	2	10,0%	5	3,8%
Passe Errado	19	23,2%	6	19,4%	5	25,0%	30	22,6%
Erro Individual	15	18,3%	10	32,3%	5	25,0%	30	22,6%
Remate à Baliza	8	9,8%	0	0,0%	1	5,0%	9	6,8%
Cruzamento Falhado	1	1,2%	1	3,2%	1	5,0%	3	2,3%
	82	100%	31	100%	20	100%	133	100%

O TFT representa a forma como a equipa analisada termina a sua TO, quer em AR ou CA, tenha ela sucesso ou insucesso. No que diz respeito à fase de grupos, o passe errado (23,2%) apresenta-se como o TFT mais frequente, seguido do erro individual (18,3%) e do cruzamento intercetado (15,9%).

O remate para fora e remate à baliza (9,8%) e o golo (8,5%) apresentam também valores significativos. Por outro lado, falta sofrida (7,3%), remate intercetado (3,7%), falta cometida (2,4%) e cruzamento falhado (1,2%) apresentam-se como as formas menos comuns de terminar uma transição ofensiva.

Relativamente à meia-final, verifica-se que as ações de TO foram terminadas, maioritariamente, em erro individual (32,3%), seguido de remate para fora, cruzamento intercetado e passe errado (19,4%). As variáveis falta sofrida, falta cometida e cruzamento falhado (3,2%) e golo, remate intercetado e cruzamento falhado (0,0%) apresentam valores pouco significativos.

Por fim, na final da competição, o passe errado e o erro individual (25,0%) voltam a ser a forma mais comum de terminar a transição ofensiva, seguidos pelo cruzamento intercetado (15,0%) e falta sofrida e falta cometida (10,0%). As variáveis remate intercetado, remate à baliza e cruzamento falhado (5,0%) e golo e remate para fora (0,0%) apresentam-se como pouco comuns. Relativamente ao total dos jogos da competição, constata-se que o passe errado e erro individual (22,6%) são as ações pelas quais mais vezes ocorreu o final da transição, seguidos do cruzamento intercetado (16,5%) e do remate para fora (10,5%).

Por outro lado, falta sofrida e remate à baliza (6,8%), golo (5,3%), falta cometida (3,8%), remate intercetado (3,0%) e cruzamento falhado (2,3%) foram as variáveis que menos vezes representaram o final da transição. De referir que a equipa analisada apenas chegou ao golo através de uma transição ofensiva em ataque rápido ou contra-ataque durante os jogos da fase de grupos, não o tendo conseguido na meia-final ou final da competição.

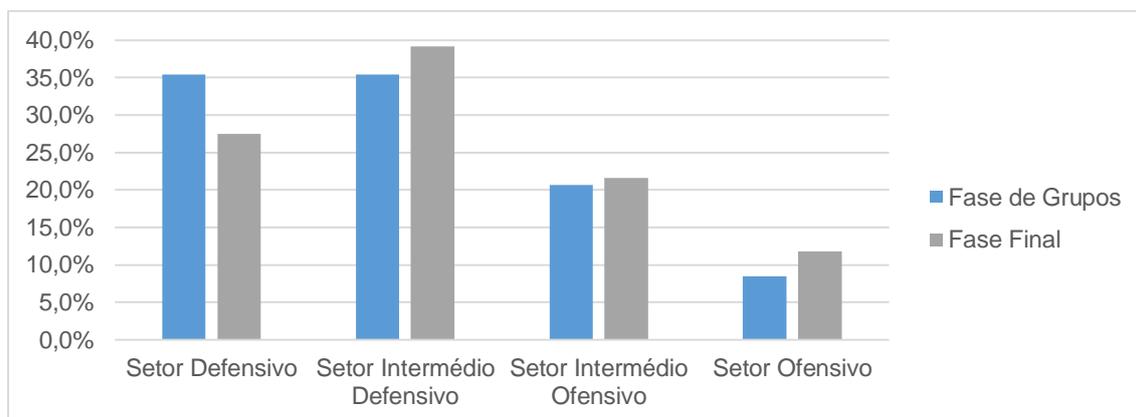
4.3. Análise Estatística Inferencial

Com o objetivo de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre variáveis do momento de transição selecionadas para análise e as diferentes fases da competição, optou-se pela utilização do teste estatístico Qui-Quadrado.

Por motivos metodológicos, optou-se pela agregação de algumas variáveis, de forma a reduzir o número de categorias e combater a amostra reduzida. Assim, a variável fase da competição foi agregada em duas categorias diferentes, a fase de grupos e a fase final (meia-final e final). As variáveis ZRPB e ZUP foram agregadas em quatro categorias, respeitando o campograma adotado: setor defensivo (setores 1 e 2), setor intermédio defensivo (setor 3), setor intermédio ofensivo (setor 4) e setor ofensivo (setores 5 e 6). Por fim, e igualmente de acordo com o campograma adotado, a variável ZFT, foi associada em 4 categorias: corredor direito (zonas 5 D e 6 D), corredor central direito (zonas 5 CD e 6 CD), corredor central esquerdo (zonas 4 CE, 5 CE e 6 CE) e corredor esquerdo (zonas 5 E e 6 E).

O Gráfico 1 apresenta uma comparação da frequência da ZRPB, em função da fase da competição.

Gráfico 1. Frequência da ZRPB, em função da fase da competição.

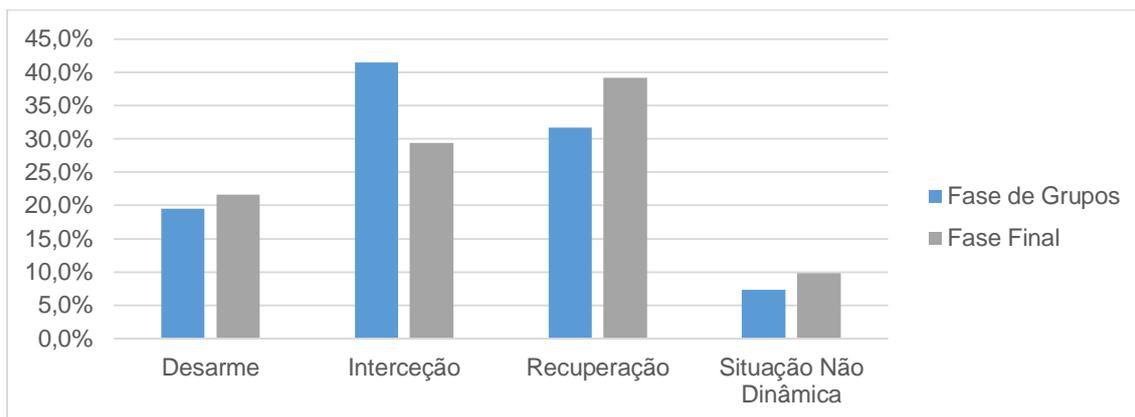


O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e a ZRPB. O resultado do teste Qui-

quadrado demonstra que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a fase da competição e a ZRPB, $\chi^2(3,N=133)=1,081,p>0,05$.

A comparação das frequências do TRPB, em função da fase da competição encontra-se representada no Gráfico 2.

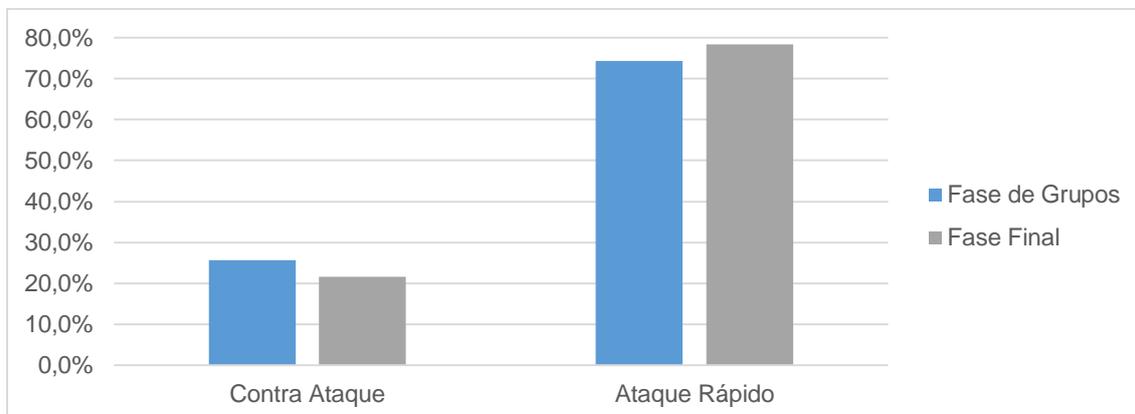
Gráfico 2. Frequência do TRPB, em função da fase da competição.



O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e o TRPB. O resultado do teste Qui-quadrado demonstra que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a fase da competição e o TRPB, $\chi^2(3,N=133)=2,053,p>0,05$.

O Gráfico 3 apresenta uma comparação das frequências do PJE, em função da fase da competição.

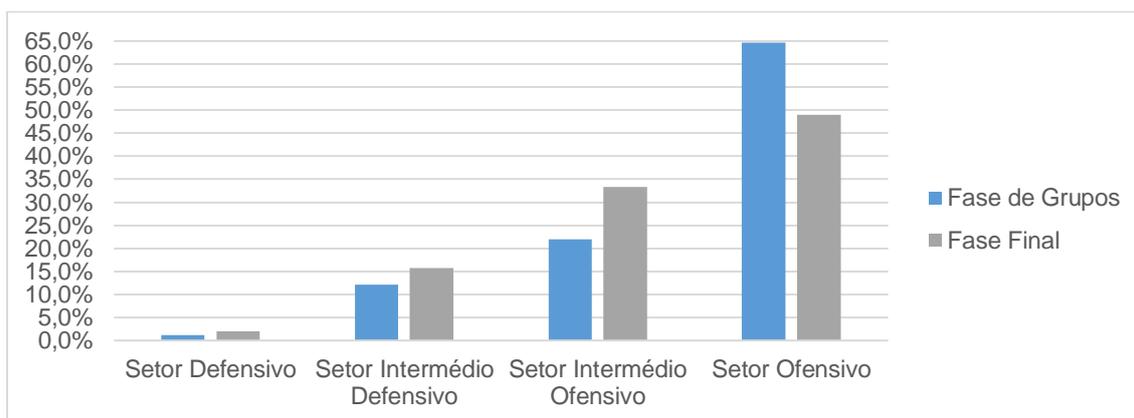
Gráfico 3. Frequência do PJE, em função da fase da competição.



O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e o PJE. O resultado do teste Qui-quadrado demonstra que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a fase da competição e o PJE, $\chi^2(1, N=133)=0,281, p>0,05$.

No Gráfico 4 encontra-se a comparação da frequência da ZUP, em função da fase da competição.

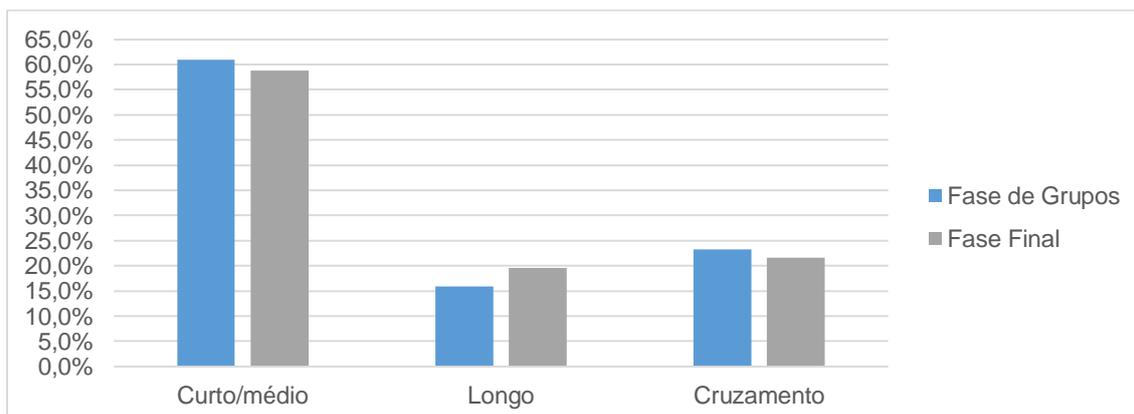
Gráfico 4. Frequência da ZUP, em função da fase da competição.



O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e a ZUP. O resultado do teste Qui-quadrado não pode ser avaliado porque o número de células que esperavam uma contagem menor que 5 é superior a 20%.

O Gráfico 5 demonstra uma comparação das frequências do TUP, em função da fase da competição.

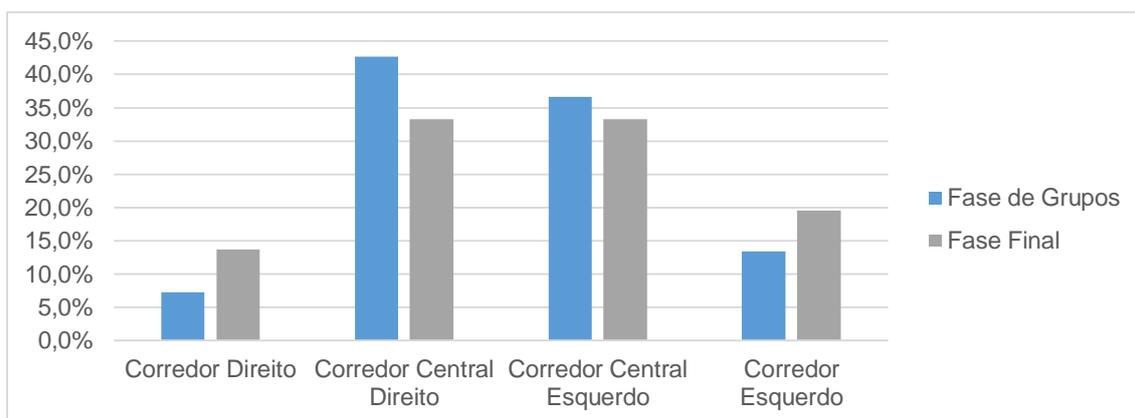
Gráfico 5. Frequência do TUP, em função da fase da competição.



O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e o TUP. O resultado do teste Qui-quadrado demonstra que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a fase da competição e o TUP, $\chi^2(2, N=133)=0,316, p>0,05$.

No Gráfico 6 encontra-se uma comparação da frequência da ZFT, em função da fase da competição.

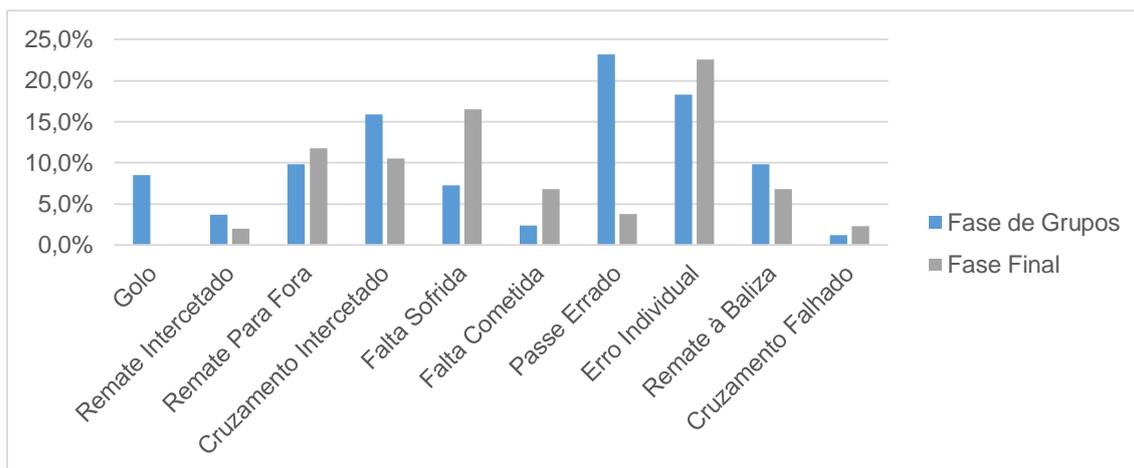
Gráfico 6. Frequência da ZFT, em função da fase da competição.



O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e a ZFT. O resultado do teste demonstra que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a fase da competição e a ZFT, $\chi^2(3, N=133)=2,882, p>0,05$.

O Gráfico 7, que se encontra na página seguinte, mostra uma comparação da frequência do TFT, em função da fase da competição.

Gráfico 7. Frequência do TFT, em função da fase da competição.



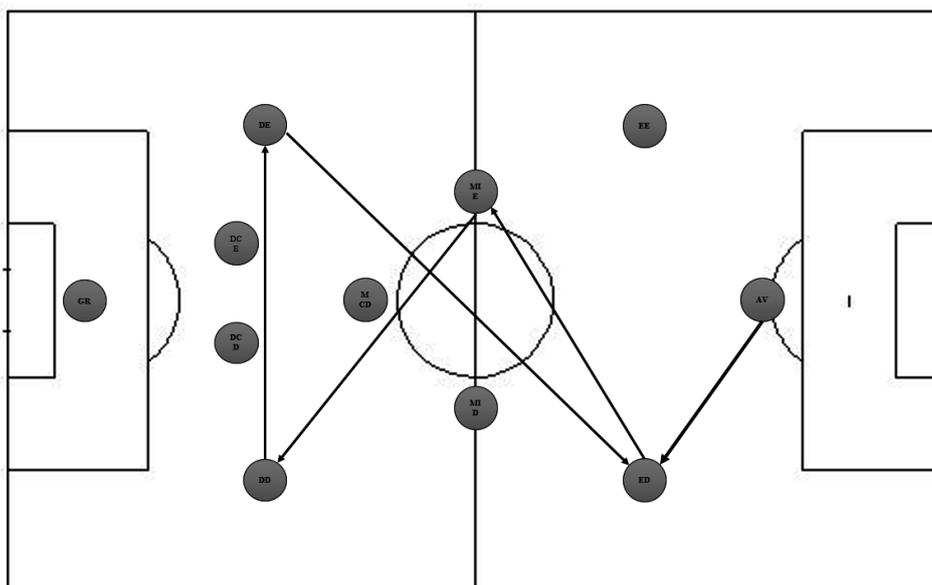
O teste Qui-quadrado foi efetuado com o objetivo de avaliar a relação entre a variável fase da competição e a zona de último passe. O resultado do teste Qui-quadrado não pode ser avaliado porque o número de células que esperavam uma contagem menor que 5 é superior a 20%.

4.4. Análise das Interações na Origem dos Golos

Com o objetivo de analisar o comportamento coletivo da equipa, foram estudadas as interações entre os jogadores nas situações de AR e CA que culminaram em golo.

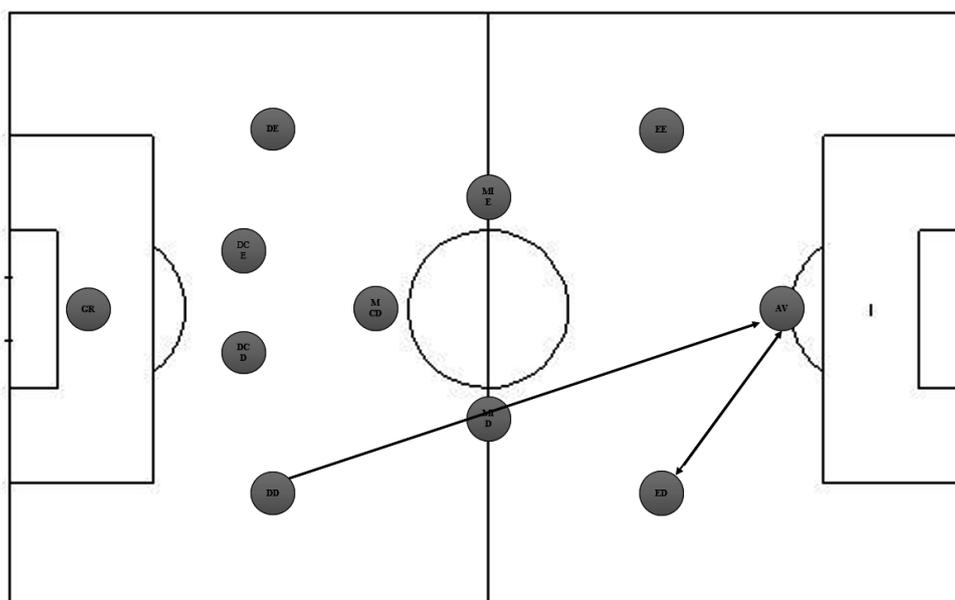
A Figura 2, que se encontra na página seguinte, representa as interações que ocorreram na situação de AR que culminou em golo, resultando no 2-0 no jogo Portugal 3 vs 0 Israel.

Figura 2. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 2-0 no jogo Portugal 3 vs 0 Israel.



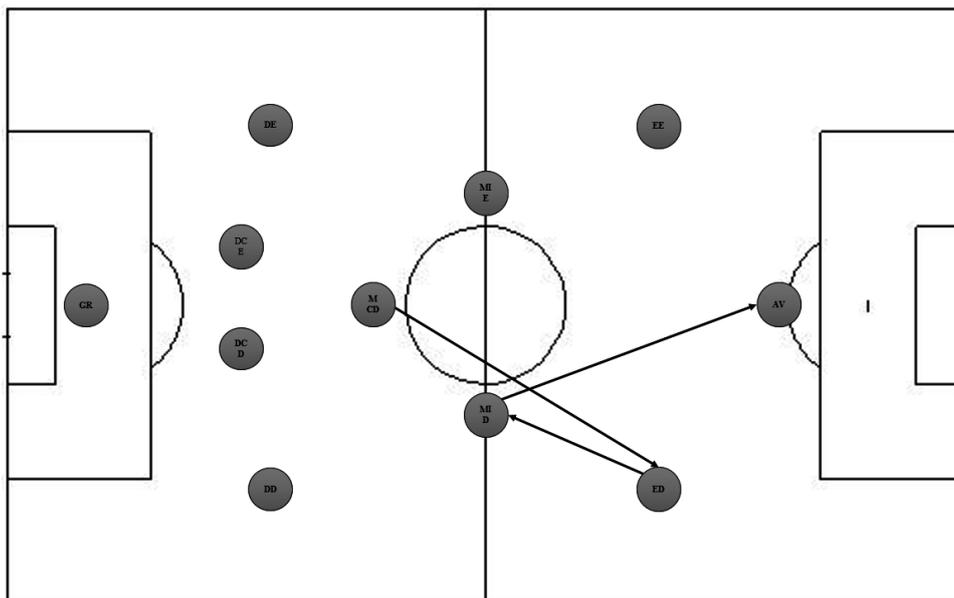
A Figura 3 apresenta as interações ocorridas na situação de AR que culminou em golo, resultando no 0-2 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.

Figura 3. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 0-2 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.



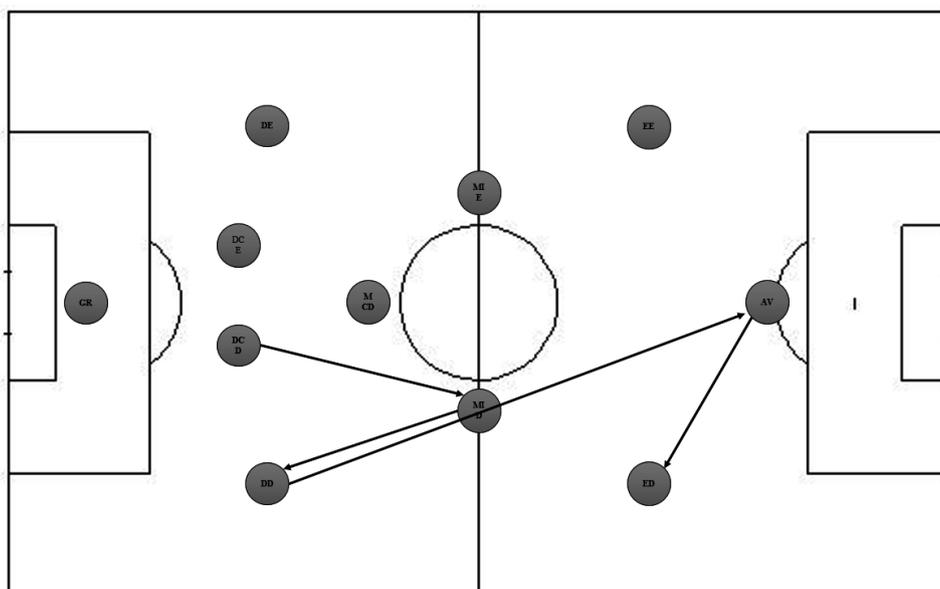
A Figura 4, que se encontra na página seguinte, apresenta as interações que ocorreram na situação de CA que culminou em golo, resultando no 0-3 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.

Figura 4. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 0-3 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.



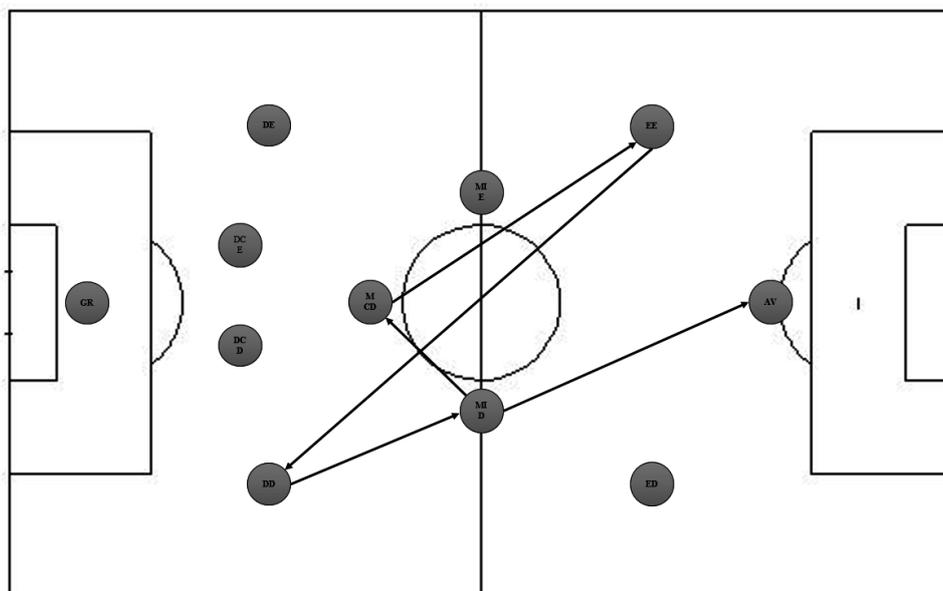
Na Figura 5 encontram-se representadas as interações que ocorreram na situação de CA que culminou em golo, resultando no 1-4 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.

Figura 5. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 1-4 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.



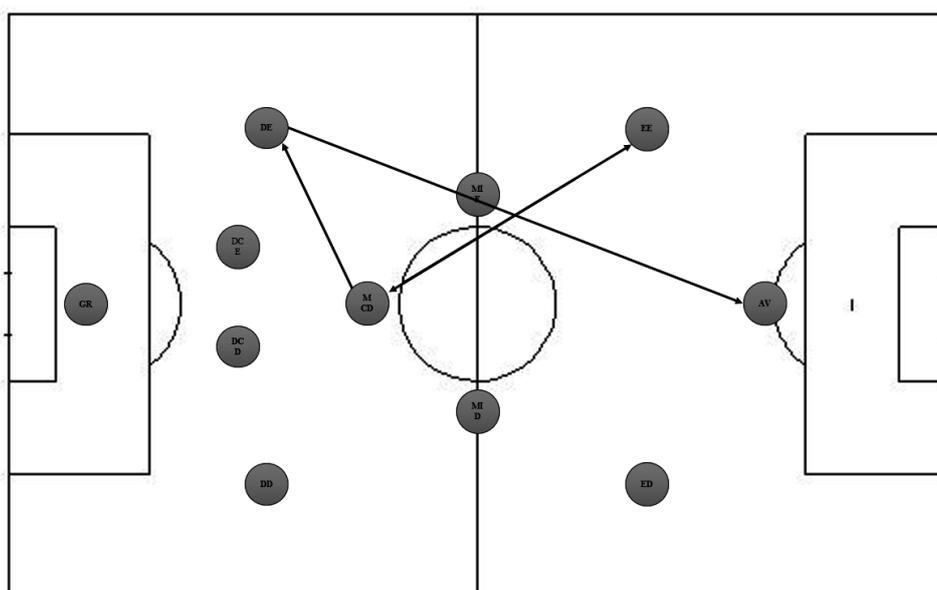
Na Figura 6 encontram-se representadas as interações que ocorreram na situação de AR que culminou em golo, resultando no 1-5 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.

Figura 6. Rede de interações em situação de AR, que culmina no 1-5 no Hungria 1 vs 6 Portugal.



A Figura 7 apresenta as interações que ocorreram na situação de CA que culminou em golo, resultando no 1-6 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.

Figura 7. Rede de interações em situação de CA, que culmina no 1-6 no jogo Hungria 1 vs 6 Portugal.



Analisando apenas a rede de interações do total dos golos, que representa o comportamento coletivo da equipa, é possível verificar que, nas situações de CA e AR que culminaram em golo, registaram-se interações dos jogadores de todas as posições, à exceção do guarda-redes, mas nem todos interagem entre si. Além deste, também ambos os defesas centrais e o médio interior esquerdo estabeleceram poucas interações com sucesso. A posição com maior número de interações efetuadas e recebidas, e por sua vez, com ligações mais fortes é o avançado. Seguiram-se os extremos direito e esquerdo, médio interior direito, médio defensivo centro, defesa direito e defesa esquerdo.

As ligações mais fortes são estabelecidas entre o defesa direito (efetor) e o avançado (recetor), o médio defensivo centro (efetor) e o extremo esquerdo (recetor), o médio interior direito (efetor) e o avançado (recetor), o extremo direito (efetor) e o avançado (recetor) e o avançado (efetor) e o extremo direito (recetor).

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como principal objetivo investigar as características que caracterizam o comportamento de uma equipa de futebol de formação nos momentos de TO, que culminam em CA ou AR, no escalão que antecede a elite, os Sub-19. Como complemento ao objetivo principal, estabeleceu-se o objetivo de averiguar a existência de associações estatisticamente significativas entre algumas das variáveis do momento de transição nas duas fases distintas da competição. Por fim, procedeu-se à identificação das interações entre os jogadores nas situações de CA e AR que culminaram em golo, de forma a analisar o comportamento coletivo da equipa.

Posto isto, apresentamos seguidamente a discussão das variáveis contempladas no presente estudo.

5.1. Características da Transição Ofensiva e Influência das Fases de Competição

O modelo de jogo de uma equipa explora diferentes níveis de complexidade, não se restringindo à organização estrutural, mas ao cumprimento das tarefas ou missões táticas impostas pelo treinador que, enquanto gestor principal, procura orientar as características dos jogadores em prol de um comportamento coletivo ideal. Neste sentido, a filosofia de jogo da seleção de Portugal Sub-19, analisada neste estudo, assentava num sistema tático 1x4x3x3, com exploração rápida dos corredores laterais no momento após a recuperação da posse de bola, com os extremos e o avançado muito agressivos na relação 1x1, objetivando a finalização. O setor médio apresentava jogadores bastante evoluídos para o escalão em que competem, com qualidade individual e maturidade tática acima da média. O setor defensivo, bastante coeso, apresentava laterais de bastante propensão ofensiva, tornando-se elementos chave em todos os momentos do jogo.

Autores como Falcão (2014) demonstram que, na elite do futebol sénior, existem diversos fatores que podem influenciar o comportamento coletivo da equipa e as características do processo de transição, tais como o tempo de jogo (0-45' ou 46-90'), o contexto situacional (casa ou fora) e o resultado momentâneo do jogo (vitória, empate ou derrota).

Assim, as variáveis analisadas no presente estudo podem ajudar a compreender melhor o comportamento coletivo da equipa observada, pois não se verificaram no presente estudo diferenças estatisticamente significativas entre a fase de grupos e a fase final. Deste modo, a aproximação existente nos dados obtidos nas diferentes fases pode estar associada a um comportamento coletivo homogéneo, sem variações ao nível da atitude competitiva e dos princípios do modelo de jogo adotado pelo treinador. No entanto, embora sem significado estatístico, algumas das variáveis sofreram alterações entre as fases que podem ser discutidas.

Relativamente ao início da posse de bola, os resultados indicam que as zonas preferenciais de recuperação da posse de bola foram as zonas 3 E (12,0%), 3 CD (9,0%), 3 CE e 2 CD (8,3%) e 1 CD, 3 D, 4 CD e 4 CE (7,5%). Verifica-se assim, tal como nos estudos de Nascimento (2008), Costa (2010) e Fonseca (2012) que a recuperação da posse de bola é feita maioritariamente no corredor central, tanto no setor intermédio defensivo (3 CD e 3 CE) como intermédio ofensivo (4 CD e 4 CE).

No entanto, a zona onde ocorrem mais recuperações é a 3 E, no corredor lateral, havendo também um valor significativo de recuperações na zona 3 D. Estes resultados vão encontro ao estudo de Malta e Travassos (2014) onde verificaram que as equipas procuram criar superioridade sobre os corredores laterais, exercendo uma pressão maior e mais agressiva sobre os mesmos, procurando a rápida recuperação da posse de bola. Em último lugar pode afirmar-se que a escolha dos setores intermédio defensivo e intermédio ofensivo (3 e 4, respetivamente), indicam que a equipa adota um posicionamento defensivo em bloco médio, mas com uma atitude agressiva na procura da bola.

No que diz respeito ao TRPB, a interceção (36,8%) e a recuperação (34,6%) são as ações preferencialmente utilizadas pela equipa analisada. No entanto denota-se uma ligeira variação entre as fases da competição, sendo que na fase de grupos a interceção é a ação mais utilizada, enquanto na fase final é a recuperação. Assim, é possível constatar que a atitude agressiva da equipa no momento defensivo visa, essencialmente, provocar o erro do adversário levando-o a cometer erros no seu processo ofensivo que permitam intercetar passes. Este facto, segundo Costa (2010) parece influenciar positivamente o momento de transição, possibilitando o aproveitamento do desequilíbrio defensivo do adversário. Também o estudo de Silva (2007) corrobora os dados obtidos, pois o mesmo conclui que as equipas de nível superior (considerando Portugal uma equipa de nível superior pela sua chegada à final da competição analisada) utilizam preferencialmente a interceção na recuperação da posse de bola.

Quanto ao desenvolvimento da TO, optou-se por se caracterizar o processo ofensivo como CA ou AR. Os dados indicam que a equipa analisada opta, preferencialmente, pelo AR (75,9%) no desenvolvimento das suas transições, em detrimento do CA (24,1%). A explicação para estes dados encontra-se no facto da equipa defender, de preferência, num bloco médio, por vezes alto, sendo raras as vezes em que recupera a posse de bola em bloco baixo. Assim, pela definição de CA apresentada (que indica que a recuperação da posse de bola deve ser feita no meio campo defensivo com o adversário desequilibrado defensivamente), facilmente se percebe que, recuperando a posse de bola maioritariamente no setor intermédio ainda com o adversário equilibrado, as situações de transição são, maioritariamente, efetuadas em AR.

Chegando à zona de finalização, optou-se pela análise das seguintes variáveis: ZUP, TUP, ZFT e TFT. Relativamente à zona do último passe, a zona 5 E (12,0%) foi a mais utilizada, seguida pela 4 CE (11,3%), 5 CD (9,8%), 4 CD (9,0%), 5 D (8,3%) e 5 CE (7,5%). Verifica-se ainda que na fase de grupos é mais provável que o último passe seja efetuado no setor ofensivo, sendo que na fase final essa probabilidade é menor, distribuindo-se mais homoganeamente pelos setores intermédio defensivo, intermédio ofensivo e ofensivo. A utilização

dos corredores centrais dos setores 4 e 5 explica-se pela preponderância dos jogadores médio centro com elevada capacidade criativa, que procuravam, por intermédio do passe curto/médio, provocar desequilíbrios no último setor. Verifica-se também a utilização elevada dos corredores laterais do setor 5, provocada pela capacidade ofensiva dos defesas laterais que, não procurando a linha de fundo, faziam chegar a bola ao interior da área por intermédio do cruzamento. Já a diferença entre fases deverá estar associada à qualidade do adversário, individual e coletiva, que, de forma natural, aumenta com o aproximar do final da competição. Assim, espera-se que as dificuldades em atingir zonas ótimas de finalização aumentem, tornando-se mais frequentes as perdas de bola em zonas mais recuadas do campo.

Os resultados relativos ao TUP encontram-se intimamente ligados ao referido anteriormente. A equipa opta, preferencialmente, pelo passe curto/médio (60,2%), seguido do cruzamento (22,6%) e passe longo (17,3%). Refira-se que o cruzamento é, por norma, uma opção de recurso quando não existe capacidade para penetrar em zonas de finalização através do passe. Quanto ao passe longo, ocorre maioritariamente em situações de CA, quando a bola é recuperada no setor defensivo ou intermédio defensivo, havendo rápida procura da referência ofensiva (avançado) ou dos extremos, que avançam para situações de 1x1.

Relativamente à ZFT, mais uma vez podemos relacionar os resultados com o referido anteriormente. As zonas 6 CD (22,6%) e 6 CE (21,1%) são aquelas onde ocorre mais frequentemente o final do processo ofensivo. Isto demonstra a elevada capacidade que a equipa apresenta em atingir zonas de finalização, optando preferencialmente pelo corredor central. Quando a equipa não consegue entrar na área adversária para finalizar, a maioria das transições terminam nos corredores centrais, neste caso do setor 5, ou seja, zonas 5 CD (16,5%) e 5 CE (13,5%). A única zona pertencente a um dos corredores laterais é a 5 E (9,8%), o que mais uma vez reforça a capacidade ofensiva evidenciada pelo defesa lateral esquerdo. Entre as diferentes fases denota-se uma maior capacidade de a equipa penetrar os corredores centrais, onde se encontra o alvo principal, a baliza, na fase de grupos. Já na fase final, parece haver uma

diminuição da capacidade em penetrar esses corredores, sendo a equipa obrigada a lateralizar o jogo, recorrendo aos corredores laterais para chegar a zonas de finalização.

Por último, analisou-se o TFT e foi possível verificar que a maioria das transições termina em passe errado e erro individual (22,6%), seguido de cruzamento interceptado (16,5%) e remate para fora (10,5%). Os dois tipos de acontecimento que mais vezes terminam o processo de transição são acontecimentos nos quais ocorre erro do jogador executante. Estes dois acontecimentos poderão estar relacionados com a imaturidade apresentada pelos jogadores do setor ofensivo que cometem muitos erros individuais por precipitação na tomada de decisão. Este resultado pode também associar-se ao modelo de jogo implementado pelo treinador, que deixa ao critério dos jogadores do setor ofensivo a tomada de decisão nas zonas próximas à baliza do adversário, onde a liberdade é o critério que reina. De destacar ainda a capacidade da equipa em concluir as situações de transição com finalização, pois aglomerando as variáveis golo (5,3%), remate interceptado (3,0%), remate para fora (10,5%) e remate à baliza (6,8%), a equipa consegue finalizar 25,8% das situações. Assim, pode-se considerar que a maioria das situações de transição em CA e AR terminam com ocorrência de finalização. De destacar, por último, a incapacidade da equipa em finalizar com sucesso na fase final, onde não obtém qualquer golo em situações de CA ou AR.

5.2. Interação nos Momentos de Transição Ofensiva

Relativamente à interação nos momentos de TO, analisou-se as interações estabelecidas nas situações de CA e AR que culminaram em golo, num total de sete finalizações com sucesso.

A nossa análise restringiu-se às interações entre os jogadores que desempenhavam determinada posição no campo, partindo do sistema tático 1x4x3x3 definido pelo treinador da equipa. Assim, importa perceber quais as posições no sistema de jogo que mais vezes participam nas transições que culminam em golo e quais as interações que estabelecem. A análise foi efetuada

golo a golo, apresentando no final uma rede que corresponde ao conjunto das interações dos sete golos.

O reduzido número de interações estabelecidas em cada golo está de acordo com a metodologia adotada no estudo, pois são analisados apenas os dados referentes às situações de CA e AR, não sendo de esperar um número de interações superior ao estabelecido na metodologia (cinco para o CA, sete para o AR).

Os resultados demonstram que o maior número de interações realizadas com sucesso foi efetuado pelo avançado, que estabelece interações fortes com o defesa direito, médio interior direito e extremo direito. O mesmo acontece entre o médio defensivo central e o extremo esquerdo. Analisando estes dados, é perceptível que o objetivo principal dos jogadores mais recuados (setores defensivo e intermédio) passa por colocar a bola à disposição dos jogadores do setor ofensivo (extremo direito, extremo esquerdo e avançado), para que os mesmos explorem a sua criatividade e liberdade para concluir as ações.

Embora não seja possível concluir, através dos dados extraídos, quais os jogadores chave no desenvolvimento do jogo coletivo da equipa, é possível apurar que os jogadores que ocupam os corredores laterais (defesas direito e esquerdo, extremos direito e esquerdo) e o avançado (que funciona como a referência ofensiva da equipa), parecem ser os que mais influenciaram e proporcionaram as situações de golo existentes. Estes dados estão em linha com Jaria (2014) que verificou que os jogadores mais influentes da equipa ocupavam a posição de extremo direito e ponta de lança, embora a comparação deva ser prudente, uma vez que se tratam de escalões e níveis bastante diferenciados.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo permitem-nos indicar que:

Os corredores centrais dos setores intermédio defensivo e intermédio ofensivo são os mais utilizados para recuperação da posse de bola. Também os corredores laterais do setor intermédio defensivo parecem ser zonas propícias ao sucesso na recuperação da posse de bola;

A interceção é o TRPB preferencialmente usado pelas equipas de nível superior, seguido da recuperação, que vê aumentar a sua importância com o nível da qualidade entre as equipas;

O AR é o tipo de padrão de jogo mais evidenciado nas transições ofensivas, essencialmente porque a bola é recuperada, maioritariamente, ainda com o adversário equilibrado defensivamente;

Os corredores centrais do setor intermédio ofensivo e as zonas anteriores à área do adversário são as zonas preferenciais para execução do último passe;

O último passe é, maioritariamente, de características curto/médio, recorrendo-se ao passe longo ou cruzamento quando há dificuldades em penetrar na área adversária;

Os corredores centrais do setor ofensivo são as zonas onde é mais provável que a ação de transição termine;

O passe errado e o erro individual, variáveis associadas ao erro do jogador que executa, são as principais formas de final da transição, no entanto as situações de finalização ocorrem com elevada frequência;

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre as fases da competição;

O maior número de interações realizadas com sucesso foi efetuado pelo avançado que estabelece interações fortes com o defesa direito, médio interior direito e extremo direito, assim como entre o médio defensivo central e o extremo esquerdo.

Os jogadores que ocupam os corredores laterais (defesas direito e esquerdo, extremos direito e esquerdo) e o avançado parecem ser os que mais influenciam e proporcionam as situações de golo.

6.1. Limitações

O presente estudo apresenta uma amostra reduzida para que se obtenham conclusões sobre a influência da fase da competição no comportamento da equipa. Deve-se ainda compreender que, ao analisar-se uma seleção que teve pouco tempo de preparação pré-competição, o modelo de jogo implementado pelo treinador poderá estar excessivamente dependente das características individuais dos jogadores. Também o facto de a competição analisada ser realizada durante o período pré-competitivo, ou seja, na fase inicial de uma época desportiva, a predisposição dos atletas para a competição poderá ainda não ser a objetivada.

6.2. Investigação Futura

O tema em análise merece um maior aprofundamento científico, sobretudo nos escalões de formação, de modo a que se possa perceber se as características do jogo são idênticas às do futebol de elite. O aprofundamento da metodologia da análise de redes (*networks*) deve também ser explorado, de forma a melhor se entender como se processam as transições ofensivas e quais os jogadores-chave neste momento do jogo, cada vez mais entendido como preponderante na obtenção de resultados mais robustos.

A análise de uma outra competição, como a UEFA Youth League, com um maior número de jogos poderia permitir compreender melhor a eventual existência de diferenças estatisticamente significativas no comportamento coletivo, entre jogos de fase de grupos e jogos com caráter eliminatório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Association, C. S. (2009). *Wellness To World Cup: Long-Term Player Development*.
- Belli, R. (2014). *Análise da Network e Comportamento Colectivo no Jogo de Futebol*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Castelo, J. (1994). *Futebol: Modelo técnico-táctico do jogo*: UTL - FMH.
- Castelo, J. (1996). *Futebol A Organização do Jogo*.
- Castelo, J. (2003). *Futebol - Guia prático de exercícios de treino*. Lisboa: Edição Visão e contextos.
- Clemente, F., Couceiro, M., Martins, F. M. L., & Mendes, R. (2012). Team's Performance on FIFA U17 World Cup 2011: Study based on Notational Analysis. *Journal of Physical Education and Sport*, 12(1), 13-17.
- Costa, C. (2010). *Análise das Acções Ofensivas com Finalização Resultantes de Jogo Dinâmico. Estudo realizado no Campeonato Europeu de Futebol de 2008*. (Dissertação de mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Coutts, A. (2014). Evolution of football match analysis research. *Journal of Sports Science*, 32(20), 1829-1830. doi: 10.1080/02640414.2014.985450
- Dellal, A., Wong, D. P., Phil, M., Moalla, W., & Chamari, K. (2010). Physical and technical activity of soccer players in the French First League - with special reference to their playing position. *International SporMed Journal*, 11(2), 278-290.
- Drust, B. (2010). Performance analysis research: Meeting the challenge. *Journal of Sports Science*, 28(9), 921-922. doi: 10.1080/02640411003740769
- Falcão, H. (2014). *Análise do Momento de Transição Defesa-Ataque em função do Tempo, Localização e Resultado do Jogo - Uma Comparação entre Culturas Futebolísticas*. (Dissertação de mestrado), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Fonseca, J. (2012). *As Acções Ofensivas que Resultam em Golo: Análise de variáveis associadas à eficácia da fase ofensiva na 1ª Liga na Época Desportiva 2010/2011*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Gama, J. (2013). *Network - Análise da Interacção e Dinâmica do Jogo de Futebol*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Gama, J., Passos, P., Davids, K., Relvas, H., Ribeiro, J., Vaz, V., & Dias, G. (2014). Network analysis and intra-team activity in attacking phases of professional football. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 14, 692-708.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. (Dissertação de doutoramento), Universidade do Porto, Porto.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 57-64.
- Glazier, P. S. (2010). Game, Set and Match? Substantive Issues and Future Directions in Performance Analysis. *Sports Medicine*, 40(8), 625-634. doi: 10.2165/11534970-000000000-00000
- Jaria, I. (2014). *Metrologia do Rendimento Desportivo. Análise da Interação do Jogo de Futebol 7 e 11*. (Dissertação de mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Lago-Peñas, C., & Dellal, A. (2010). Ball Possession Strategies in Elite Soccer According to the Evolution of the Match-Score: the Influence of Situational Variables. *Journal of Human Kinetics*, 25, 93-100. doi: 10.2478/v10078-010-0036-z
- Lopes, J. (2007). *Análise diacrónica heterocontingente dos métodos de jogo ofensivo no futebol*. (Dissertação de mestrado (não publicada)), Universidade do Porto, Porto.
- Malta, P., & Travassos, B. (2014). Caracterização da transição defesa-ataque de uma equipa de Futebol. *Motricidade*, 10(1), 27-37. doi: 10.6063/motricidade.10(1).1544
- Moura, F. A., Martins, L. E. B., & Cunha, S. A. (2014). Analysis of football game-related statistics using multivariate techniques. *Journal of Sports Science*, 32(20), 1881-1887. doi: 10.1080/02640414.2013.853130
- Nascimento, P. (2008). *Caracterização da Transição Defesa-Ataque de uma equipa de Sucesso no Futebol Contemporâneo. Estudo de caso na equipa do Manchester United F.C.* (Dissertação de mestrado), Universidade do Porto, Porto.

- Passos, P., Davids, K., Araújo, D., Paz, N., Minguéns, J., & Mendes, J. (2011). Networks as a novel tool for studying team ball sports as complex social systems. *Journal of Sciences and Medicine in Sport*, 14, 170-176. doi: 10.1016/j.jsams.2010.10.459
- Relvas, H. (2011). *Manual wTVision / Amisco. Versão 2011-2012*. Documento não publicado.
- Sanjurjo, C., López, J., & Suárez, T. (2015). Análisis de los factores de rendimiento de las transiciones ofensivas en el fútbol de alto nivel. *Revista de Psicología del Deporte*, 24(1), 103-110.
- Sarmiento, H., Anguera, M. T., Campaniço, J., & Leitão, J. C. (2013). A Metodologia Observacional Como Método Para Análise do Jogo de Futebol - Uma Perspetiva Teórica. *Boletim SPEF*(37), 9-20.
- Silva, E. (2007). *Análise do Jogo de Futebol: Características do Processo de Transição Defesa-Ataque das Sequências Ofensivas com Finalização*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Sousa, J. (2010). *A Tomada de Decisão em Jovens Futebolistas: O momento de transição defesa-ataque*. (Dissertação de mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Vaz, V., Gama, J., Valente-dos-Santos, J., Figueiredo, A., & Dias, G. (2014). Network - Análise da interacção e dinâmica do jogo de Futebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 14(1), 12-25.
- Vázquez, Á. (2014). *Fútbol: Del Análisis del Juego a la Edición de Informes Técnicos* (2ª ed.). A Coruña: MCSports.